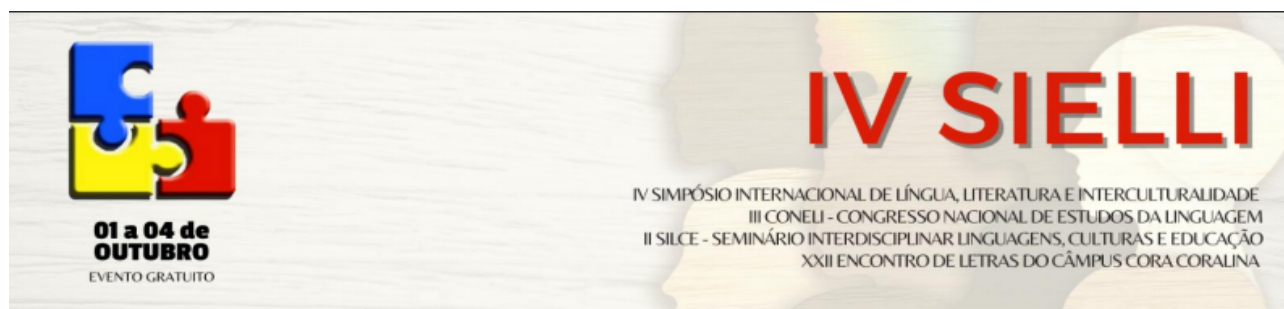




NOSTALGIAS LINGUÍSTICAS: COSTUMES, FOLCLORE E OUTRAS COISAS CERRADEIRAS EM TROPAS E BOIADAS

NOSTALGIES: CUSTOMS, FOLKLORE AND OTHER THINGS CLOSE IN TROOPS AND CATTLE

Alair Di Silva Peres (UEG)¹

Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG)²

Resumo: Em *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, há, em inúmeras descrições feitas nos quinze contos que compõem a obra, a referência a costumes e a tradições goianas para contextualizar a história narrada em cada conto. São brincadeiras, crendices, superstições, todas muito específicas da época goiana em que decorrem os destinos dos tropeiros no caminho viajante de “leva e traz” mercadorias para Goiás. Assim, constitui-se o objetivo deste estudo, isto é, identificar esses dados e explicá-los de acordo com a teoria lexical que entende tais descrições como as bases culturais de Goiás, já presentes na literatura de Ramos (1992). O cenário é o então (início do século XX) sertão, hoje considerado bioma Cerrado, daí o “gentílico cerradeiro”. A metodologia consiste de levantamento bibliográfico, e estudo de documentos tais como mapas e relatos (escritos) de antigos moradores. Os dados compilados são descritos de acordo com Lakoff (1987), Biderman (2001), Martins (2011), para citar alguns. Foram escolhidos três contos do livro: **Nostalgias** (sobre costume de escrever nomes de enamorados em árvores, como registro do amor), **Mágoa de Vaqueiro** (a viola e a canção do sertanejo de então) e **O Saci** (personagem folclórico procura sua cabaça de mandinga). A perspectiva epistemológica se direciona à literatura, como pano de fundo para análises linguísticas (léxico), para reconhecimento de elementos culturais, crendices que são aceitas até hoje ou que já desapareceram da memória dos goianos do século XIX, mas que se circunscrevem em primas interculturais de Goiás.

Palavras-Chave: Prisma intercultural. Léxico. Tropas e Boiadas.

Abstract: In *Tropas e Boiadas*, by Hugo de Carvalho Ramos, there are, in numerous descriptions made in the fifteen short stories that make up the work, references to customs and traditions of Goiás to contextualize the story told in each story. There are jokes, beliefs, and superstitions, all very specific to the time in Goiás in which the destinies of the tropeiros unfold on the traveling route of “taking and bringing” goods to Goiás. Thus, the objective of this study is to identify these data and explain them according to the lexical theory that

¹ Possui graduação em Letras pela UEG (2008), Mestranda no curso da Poslli (Programa de Pós-Graduação em Língua Literatura e Interculturalidade).

² Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão (1984), graduação em Letras pela Faculdade Estadual Celso Inocêncio de Oliveira (1998); mestrado e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2003), (2010) respectivamente. Atualmente, é docente ensino superior da Universidade Estadual de Goiás, atuando principalmente nas áreas de Linguística Textual, estudos do Léxico e Onomástica, com enfoque nos estudos toponímicos do Estado de Goiás e ênfase principalmente na relação língua/cultura e território.



understands such descriptions as the cultural bases of Goiás, already present in the literature of Ramos (1922). The setting is the then (early 20th century) sertão, today considered a Cerrado biome, hence the “cerradeiro” (gentile name). The methodology consists of a bibliographical survey and study of documents such as maps and (written) reports of former residents. The compiled data are described according to Biderman (2001), Hall (2003), and Siqueira (2021), to name a few. Three short stories from the book were chosen: Nostalgias (about the custom of writing lovers' names on trees, as a record of love), Mágoa de Vaqueiro (the guitar and the song of the backwoodsman of that time), and O Saci (a folkloric character looking for his mandinga gourd). The epistemological perspective is directed at literature, as a backdrop for linguistic analyses (lexicon), to recognize cultural elements, and beliefs that are accepted to this day or that have already disappeared from the memory of the people of Goiás in the 19th century, but that are limited to intercultural cousins of Goiás.

Keywords: Intercultural prism. Lexicon. Troops and Cattle.

INTRODUÇÃO

É comum pensar que cada lugar, em cada época, e cada povo têm suas próprias maneiras de dizer o mundo. O que pode engendrar pensamentos que, em algumas comunidades, existam expressões específicas, só usadas por seus falantes e às vezes, quase sempre, esquecidas com o passar do tempo.

Tropas e Boiadas, de Hugo de Carvalho Ramos (1922), de certa forma, corrobora esse aspecto da linguagem, já que retrata o ambiente tropeiro e os moradores dos lugares goianos por onde passavam as tropas (no leva e traz de mercadorias) com descrições feitas por um olhar bem à moda do início do século XX e muito provavelmente, fiel à linguagem dos sujeitos que viviam à beira do caminho dos tropeiros. Claro que há em Ramos, aspectos literários que não compõem o objetivo deste estudo, o foco reside na linguagem em si, sob o prisma da inter-relação língua, cultura, história e ambiente.

Para tanto, o objetivo aqui traçado é identificar palavras e expressões que traduzam as singularidades dos costumes, das tradições e das crenças do sujeito que participa de uma forma ou de outra, das histórias contadas por Ramos (1992), seja na atividade de tropeiro, morador do lugar ou personagem do imaginário popular. Isso quer dizer, que o estudo busca identificar as expressões linguísticas que fazem referência a elementos culturais, religiosos, históricos (mesmo que fictícios)



e elementos do ambiente que configurem alguma relação com os costumes próprios da época em que se passam as histórias dos contos: **Mágoa de vaqueiro, Nostalgias, e O Saci.**

Os procedimentos de pesquisa consistem de levantamento bibliográfico, revisão dos conceitos, e estudo de documentos tais como mapas, cartas e alguns prefácios feitos às inúmeras edições de Tropas e Boiadas. Os dados compilados são descritos e interpretados de acordo com os estudos de Lakoff (1987), Biderman (2001), Martins (2011), para citar alguns.

Com essa perspectiva, faz-se o percurso teórico da literatura, como pano de fundo realizar as análises linguísticas, assim, pode-se obter o reconhecimento de elementos culturais, de crenças que são aceitas até hoje ou que já desapareceram da memória dos goianos deste século, mas que se circunscrevem em primas interculturais de Goiás.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS: CONCEITOS E CONCEPÇÕES

Pode-se pensar sobre a linguagem e as intersecções entre ela e outros elementos da cultura (crenças, valores, costumes), não exatamente como um sistema de representação, mas alguma coisa como uma *práxis* circunstanciada pela história, pelo ambiente e pela cultura, nos devidos eventos de interações verbais idiossincráticas, sejam em que lugar ou tempo for. De acordo com Martins, 2011, p. 469), a linguagem desempenha “um papel não meramente descritivo, mas antes constitutivos dos assuntos humanos.”

Falar de práticas de linguagem pode remeter a alguma concepção empirista como base para as reflexões sobre a relação entre a linguagem de Ramos (1992) e as práticas culturais, tradicionais ou não, descritas nos contos estudados. Na verdade, relacionar a maneira como se retrata as práticas “culturais” pela linguagem, oferece orientação para elaborar pensamentos científicos sobre essa relação, isto é, como Ramos diz, como este autor conta as histórias que se circunscrevem à atividade específica de desenhar um coração na árvore por estar apaixonado; procurar a cabeça do saci ou a fuga da filha do vaqueiro e toda mágoa que o fato trouxe.

Nesse sentido, a linguagem pode ser vista de uma forma que, ao serem realizadas as abstrações da linguagem de Ramos, em diferentes níveis de análise linguística, possa se proceder a



explicações de forma sistematizadas da relação entre a forma como Ramos conta o fato e os costumes, as crenças, os elementos culturais que o autor traz à cena como mote da própria história.

Convém, entretanto, reafirmar que não há neste estudo, pretensões de reafirmar que a ciência linguística tem duplo objeto de estudo: a língua e a linguagem (Benveniste, 1976). Este estudo pauta-se na concepção de que é possível realizar um estudo considerando a linguagem humana de maneira geral, seja verbal ou não, como objeto de estudo. No conto *Nostalgias*, por exemplo, o que sobressai, além da linguagem verbal, é a lembrança do desenho do coração feito na árvore. Para o saci, o objeto simbólico desejado é a cabaça, que é o mote para o desenrolar da história.

Os símbolos, sejam verbais, as palavras ou outras representações mentais podem associar seu significado às coisas no mundo extralinguístico. Ao se tornarem símbolos que correspondem a algo do mundo externo são como representações internas da realidade externa; símbolos podem se tornar representação do mundo real por meio de correspondências com os objetos do mundo independentemente de propriedades peculiares do objeto, em que foi feita a correspondência (Lakoff, 1987). Por outro lado, a preocupação de Langacker (2002), consiste em deslindar o quanto da diversidade linguística na estrutura das línguas pode ser atribuída à cultura dos falantes. Em direção um pouco diferente, este estudo reconhece que no léxico, a correspondência entre as coisas do mundo, comportamentos inclusive, e a língua é mais explícita e identificável.

Assim, a proposta teórica construída para este estudo procura coadunar esses pontos de vista com a busca no léxico usado por Ramos, para mostrar que tais valores culturais e simbólicos estão na base da língua dos tropeiros e dos coadjuvantes que vagueavam “pelos fundões de Goiás” (Ramos, 1992, p. 67).

As línguas se configuram em dois componentes: a gramática (sistema para alguns) e léxico, conjunto de todas as palavras da língua (Antunes, 2007). As palavras da língua, por sua vez, podem estar numa classe aberta (nomes, verbos, modificadores) e em classes fechadas, os elementos gramaticais (conectivos, formas pronominais). O léxico é constituído por palavras da classe aberta, ou seja, ampliam-se, expandem-se. O que faz do léxico a parte mais flexível, dinâmica. O léxico se move expansivamente no sentido de sempre estar se ampliando e criando palavras novas. No entanto, há de se considerar que o léxico pode tanto ampliar-se, crescer como deixar de usar



palavras ou expressões. Estas não são “tiradas” do acervo linguístico, apenas caem em desuso, tornam-se arcaicas, esquecidas, mas podem recrudesce³ e voltar a circular na boca do falante.

Segundo Biderman (2001), o léxico é o único sistema aberto da língua e o âmbito criativo das línguas reside nele, devido a esse processo contínuo e ininterrupto de movimento de criação, renovação e retração de palavras. Para a autora, os processos lexicais são forjados pelas comunidades humanas para designar os objetos do mundo e para isso os falantes utilizam o modelo linguístico herdado das gerações anteriores do seu grupo. No momento em que o repositório do léxico é acessado, alcança-se também um modelo linguístico adotado pelo grupo que usa a língua.

Na concepção de Sapir (1969), o léxico funciona como um conjunto de símbolos que remetem ao quadro cultural do grupo. As crenças, os costumes, a história, são determinantes nas escolhas lexicais. São elementos culturais que fazem com que cada grupo que use determinada língua aplique traços particulares a ela.

De acordo com Fernandes⁴ (2014, p. 8), Hugo de Carvalho Ramos faz uso de vocábulos que, embora pertençam ao sistema da língua, são utilizados “exclusivamente em determinadas regiões e por um segmento social determinado. ”O narrador registra na fala culta palavras da fala popular” daquilo que Fernandes identifica como “caipira⁵”.

Para este estudo, o léxico, como componente da língua mais afeito às variações e às mudanças sociais, é considerado como ponto de partida para atestar a relação entre as crenças, os costumes, as devoções e a fala dos tropeiros, dos personagens em geral.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo consiste de revisão bibliográfica com abordagem qualitativa. O *corpus* está organizado em torno daquilo que é linguisticamente relevante no texto literário; para tanto, nesta pesquisa busca-se às formas linguísticas de expressar costumes, brincadeiras, tradições,

³ A palavra “impeachment” é um exemplo. Ficou meio esquecida entre verbetes, mas reapareceu por volta de 1992, com o impeachment do ex. Presidente Fernando Collor.

⁴ Prefácio da edição da Editora Kelps de 2014.

⁵ Fernandes (2014) reitera, ao longo do seu prefácio à edição de Tropas e Boiadas da Kelps, que a linguagem de Ramos é escoreita.



crendices presentes nos contos de Ramos. Foram escolhidos três contos do livro *Tropas e Boiadas*: *Nostalgias* (sobre costume de escrever nomes de enamorados em árvores, como registro do amor), *Mágoa de Vaqueiro* (a viola e a canção do sertanejo de então) e *O Saci* (personagem folclórico procura sua cabaça de mandinga).

Os dados compilados são descritos de acordo com: Ramos (1992), Biderman (2001), Siqueira (2020). É uma perspectiva que antevê o léxico como acervo de inúmeras culturas esquecidas no tempo ou ainda em uso em algumas regiões de Goiás. A perspectiva epistemológica se direciona à literatura, como pano de fundo para análises linguísticas (léxico), para reconhecimento de elementos culturais, crendices que são aceitas até hoje ou que já desapareceram da memória dos goianos do século XIX, mas que se circunscrevem em primas interculturais de Goiás.

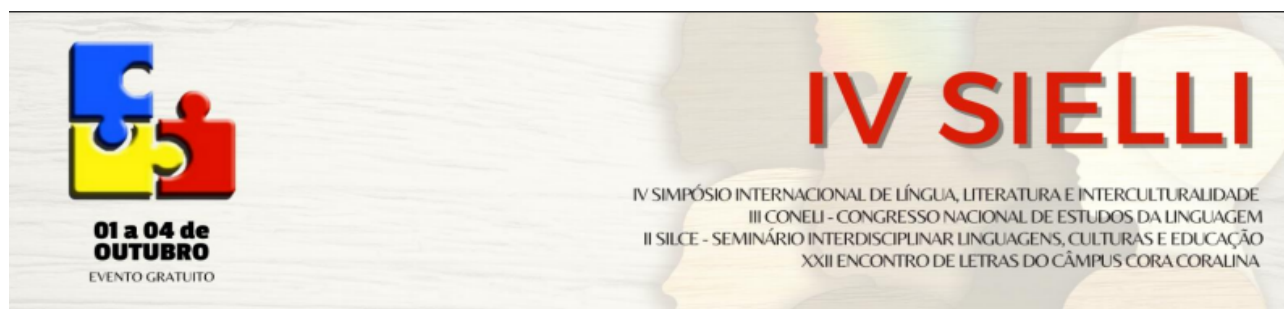
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Proença (1997) afirma, no prefácio da edição de *Tropas e Boiadas* de 1997, que vocabulário de Ramos tem um domínio do léxico regional que o possibilita utilizá-lo como elemento de ritmo e de sonoridade. Os três contos em relevo, **Mágoa de vaqueiro**, **Nostalgias**, e **O Saci**, apresentam respectivamente características em que os aspectos linguísticos se sobressaem na inter-relação com aspectos da cultura e do ambiente.

Em **Mágoa de vaqueiro**, o costume de sentar à porta e entoar uma viola é enfocado para salientar algumas superstições ligadas às crenças então vívidas, e a elementos da natureza com poderes de anunciar tragédias: “Um galo cacarejou no poleiro [...] Carijó que assim canta, é que fugiu de casa. [...] houve um reboição [...]” (Ramos, 1992, p. 24).

Na noite anterior, o pai entoava sua viola, despercebido do fato de a filha ter fugido com Zeca Menino. Cômico do ocorrido, o vaqueiro, amargou sua dor, ancorando-se a um cupinzeiro, ali permaneceu perene: *Mágoa de vaqueiro*. É a superstição dita sobre o canto do carijó, que desperta o medo do vaqueiro, pai da moça que fugiu de casa.

É comum explicitar os tabus, as crenças, são enunciadas como conhecimento do senso comum, mas que tem poder de fazer acontecer por poderes diversos. As músicas do nicho



conhecido como “sertanejo” ainda aludem à “mágoa de vaqueiro” (hoje peão de boiadeiro) como fatos ligados às paixões românticas dos envolvidos.

Sobre o conto **Nostalgias**, convém ressaltar que, “Trecho de carta” (Ramos, 1992, p. 37). Em que, sob a ótica dos estudos dos gêneros textuais, apresentaria elementos linguísticos mais ou menos estáveis com conteúdo e temas específicos (Bakhtin, 2003).

Em outras palavras, cada gênero textual apresenta conteúdo temático, construção composicional e ato estilístico. A construção composicional do gênero “carta pessoal” se faz por meio da linguagem, sem indicar os elementos formais da de uma carta, o destinatário, as saudações, vocativos, dia, mês e ano da carta. Ramos apresenta “trechos da carta” por meio do conteúdo, ou seja, o emissor (não explícito) pede notícias da chapada, dos moradores, lugares, talvez da infância “na estrada da Barra”, das comidas “angu de caruru”.

Dado o escopo deste estudo, ressalta-se o trecho, no início do conto, sobre o esquecido costume de escrever o nome em troncos de árvore para marcar algo importante de fases vividas pelo autor da missiva. “[...] vê se ainda se encontra legível o meu nome num tronco novo de jenipapeiro que fica junto à casa do teu agregado [...] próximo a umas goiabeiras, e aí talhado por mim a última vez que lá estive.”

Um costume quase cotidiano, lá pelos idos do século XX, antes das inovações tecnológicas do texto escrito. Fernandes (2014, p. 13) pautado em Martin Heidegger (1968), ratifica que “o nome se apresenta como instrumento eficaz na determinação da essência, uma vez que o ser humano só pode aspirar ao ser a partir do momento em que recebe um nome.”

O ato de escrever o próprio nome em árvores já anuncia que no desenrolar do conto muito da “essência” do autor da carta vai se mostrado: o apego ao lugar, os costumes repetidos “todas as tardes”, sob a “a paz do sertão”, fartando-se da “rica boia [...] pela volta das nove, ao mesmo tempo que contava ainda na fileira dos anos onze, doze, treze primaveras apenas.” A lexia “primavera” ratifica, nesta fase da vida, que são as primaveras que contam, mais tarde ao cair da velhice, são os “janeiros” que marcarão o findar dos anos vividos.

E **O Saci**, um dos contos mais analisados da obra, inicia-se com o desespero do saci porque “tinham surrupiado a cabaça de mandinga”. O personagem das lendas, andava irritado “pelos



fundões de Goiás.” Este personagem, uma entidade, que domina as “artes das malandrices”, se vê sem poderes já que o objeto mágico “a cabaça de mandinga” lhe foi roubada. Como de costume, o saci, quando quer alguma coisa, faz um pacto, um acordo: “lhe dou a mandinga com que ela (Sá Quirina) há de ficar enrabichada, se vancê (Pai Zé) me arranja a cabaça que perdi.” Assim o pacto é firmado, mas para conseguir a cabaça, roubada pelo Benedito Galego, Pai Zé teve que abrir mão de um “quartilho de cachaça.”

Depois deste trato com o saci, a vida do Pai Zé só conheceu discórdia sem descanso. O preto velho que conta a história reafirma a superstição de que “a todo aquele que viu e falou com o saci, acontece sempre uma desgraça” (Ramos, 1992, p. 69).

O personagem Pai Zé, que interage com o saci, usa uma linguagem que reflete a sabedoria popular (senso comum) e sua ancestralidade. O uso da expressão "vancê" e a forma de se dirigir ao saci revela uma oralidade típica do povo goiano da época, o que insere no texto, certa autenticidade que ressoa com a cultura local. A expressão "Olha negro" por sua vez, parece remeter à hierarquia social e à racial da época. Isquerdo e Seabra (2012, p.145), endossam que “em cada época as palavras se modificam, se ajustam, se acoplam, [...] de acordo com a sociedade em que esteja inserida”.

No termo "Ioiô", usado pelo preto velho, o narrador indica um tom de informalidade e proximidade, reforçando assim, a ideia de que as figuras folclóricas possuem um modo de falar característico que contribui para a construção de um cenário familiar e também acolhedor, ao mesmo tempo que remete às tradições orais e até mesmo, à sabedoria popular que permeia a cultura brasileira.

Palavras como "saci", "cabaça", "mandinga", “Pai Zé” e "pixuá" são enraizadas na cultura afro-brasileira, trazendo elementos das tradições indígenas e africanas. A presença do "saci" conota uma figura mitológica que é tido como símbolo do folclore brasileiro.

O negro chegou aos grotões e chamou pelo saci, que de pronto apareceu.
– Toma lá a sua cabaça de mandinga, seu saci, e dá-me cá o feitiço pra sá Quirina.
O moleque desbarretou-se, tirou uma pitada grossa da cumbuca, fungou, e, entregando o resto a pai Zé, disse:
– Dá-lhe a cheirar esta pitada, que a crioula é sua escrava.
E desapareceu, fungando, pulando no seu único pé, nos grotões e covoadas da roça.



– Ah, negro velho dos infernos, que conheci a tua tramóia – gritou sá Quitéria furiosa, saindo do bamburral e segurando-o pelo papo.
E, na luta do casal, lá se foi o feitiço que o pobre pai Zé adquirira com o sacrifício dum quartilho de cachaça e a meia mão do seu bom fumo pixuá (Ramos, 1992,p.52).

A linguagem utilizada, como "toma lá", "dá-me cá" e "fungou", sugere um diálogo cotidiano e informal, o que aproxima o leitor do ambiente rural das relações entre os personagens, conferindo vida e autenticidade ao texto. Palavras como "grotões", "covoadas", "bamburral" e "luta do casal"; fazem referência ao ambiente rural, que é central na narrativa, contribuindo deste modo, para a construção de uma atmosfera que faz um diálogo com a tradição oral e mitológica.

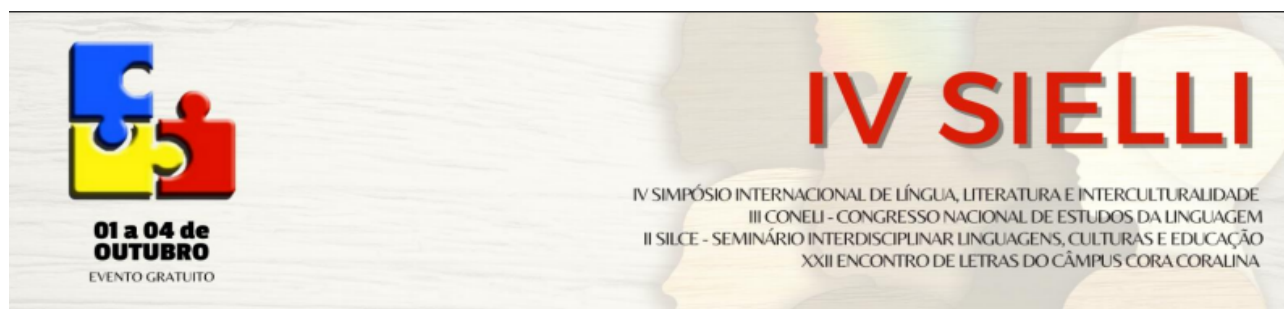
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observado, Hugo de Carvalho Ramos introduz em sua narrativa palavras e expressões que definem a relação do sertanejo com os costumes daquela época. É importante ressaltar que muitas dessas palavras e expressões ainda permanecem no vocabulário dos falantes de Goiás, enquanto outras são pouco empregadas ou acabaram desaparecendo com o passar do tempo.

Em **Nostalgias**, a linguagem e os elementos do gênero textual “carta” se encontram explícitos na narrativa. Os elementos linguísticos ajudam a construir a atmosfera nostálgica. A palavra "nostalgia" é um termo formado pelo prefixo "nost-" (que se refere remete a ideia de desejo ou saudade) e também pela raiz grega "algos" (significa dor).

Posto isto, salienta-se que “**Nostalgias**” explora a lexicalidade e o regionalismo, termos como "jenipapeiro", "goiabeiras", "tarrafadas", "farnel d'iscas" e "canas de pesca" remetem à cultura rural e ao cotidiano do interior do Brasil. Esses elementos específicos evocam um cenário que é reconhecido por quem vive ou conhece essa realidade., além, é claro de interligar aos elementos naturais e culturais de Goiás.

No conto “**Mágoa de Vaqueiro**”, também se pode encontrar elementos linguísticos (léxico) vinculados à costumes, crenças e tradições cerradeiras, ainda hoje reconhecidas como tal, posto que o autor utiliza palavras e expressões que são típicas da região. Esses regionalismos vão além do léxico comum e incluem gírias, algumas expressões idiomáticas e termos que evocam a paisagem, a cultura e a vida cotidiana do meio rural.



A referência à "florzinha do pau-d'arco" é um exemplo de como o autor utiliza a flora regional para criar uma atmosfera específica, associando a cor da flor a sentimentos de saudade e também de tristeza pelo fato de a filha ter fugido de casa, tema que é sempre revisitado nas canções do nicho "sertanejo".

O **Saci**, conto curto, que narra a inquietação do saci, na busca da cabaça de mandinga que lhe surrupiaram, lá pelos "fundões de Goiás". O personagem é uma entidade que ganha corpo no conto, fazendo o que costuma fazer: desgraçar a vida do povo com feitiços. Nesse conto, as formas substantivas de tratamento têm relevo por indicar a origem dos personagens e a época em que se usavam tais formas de tratamento.

Neste conto, o folclore aparece como fonte de crenças e costumes mais comuns antes do que agora, já que há influências estrangeiras pois transfere o "22 de agosto", dia do folclore, para comemorações do Halloween, o que introduz outros símbolos e costumes na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail "Os gêneros do discurso". In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2023. p. 261-306.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo, Partes I e II, tradução de Marcia Sá ...** O conceito de angústia (1844), tradução de Torrieri. Guimarães, São Paulo: Hemus, 1968.

ISQUERDO, Aparecida Negri. SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande -MS, UFMS, 2012.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things. What categories reveal about the mind**. Chicago, London: The University of Chicago, 1987.



LANGACKER, E. W. A study in unified diversity: English and Mixtec locatives. In: ENFIELD, N. J. (ed.) **Ethnosyntax**: explorations in grammar and culture. New York: Oxford University Press, 2002.

MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 5. ed., 3 v. São Paulo: Cortez, 2011.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e Boiadas**. Goiânia: Cultura Goiana, 1992.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.